

### **Missã do Galo - Machado de Assis**

O conto "Missã do Galo", de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), foi publicado pela primeira vez em 1894, tendo sido incluído na primeira edição de "Páginas Recolhidas", em 1899. Conto destacado na obra machadiana, os críticos e antologistas fazem questão de o incluir na maior parte das coletâneas de contos do príncipe da narrativa brasileira, que sugere com suas obras, uma análise psicológica da consciência dos seus personagens, além de possibilitar inúmeras alternativas para suas narrativas, uma vez que estas apresentam enigmas e falsas pistas, que levam cada leitor a tirar as suas próprias conclusões.

O narrador dessa obra de Machado de Assis é Nogueira, um rapaz de dezessete anos de idade que veio ao Rio de Janeiro para o que chamam de estudos preparatórios. É de Mangaratiba e está hospedado na casa do escrivão Menezes, viúvo de uma de suas primas e casado em segundas núpcias com Conceição, uma "santa", que se resigna com uma relação extraconjugal do marido, o qual dorme fora de casa uma vez por semana dizendo que vai ao teatro. Vivem na casa, ainda, D. Inácia, mãe de Conceição, e duas escravas.

A história se passa na véspera do Natal, numa daquelas noites em que o escrivão se ausenta de casa. Nogueira iria com um vizinho à missã do galo e combinou acordá-lo à meia-noite, então decide esperar já pronto, na sala da frente, de maneira a sair sem acordar as pessoas da casa. O jovem está lendo um romance, "Os três mosqueteiros", quando ouve um rumor e passos: é Conceição. Começam a conversar, falam de assuntos variados e o tempo vai passando; a conversa prolonga-se, emendam os assuntos, riem, aproximam-se e falam baixo para não acordarem D. Inácia. Finalmente, invertendo a combinação, o vizinho grita na rua que é hora da missã do galo. Nogueira sai, vai para a igreja e lá, por muitas ele pensa em Conceição.

No dia seguinte, ela está como sempre foi, sem que nada possa lembrar a Nogueira, a conversa da noite anterior. No Ano Novo, ele vai para Mangaratiba e ao retornar, em março, para o Rio de Janeiro, o escrivão havia morrido. Nunca mais encontrou Conceição, sabendo depois que ela havia se casado com o escrevente do marido.

O conto se inicia de forma significativa: "*(...) Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta (...)*". O ponto de vista é de Nogueira, um adolescente que está descobrindo o mundo, se deparando com situações desconhecidas, com o mundo da corte, dos adultos e que vai ter um encontro surpreendente e enigmático com uma mulher, "Conceição".

Para ele, que veio da roça, é a descoberta desse mundo novo que surge como significação para o título "Missa do Galo". A referência religiosa é enganosa, sendo outro o interesse de Nogueira pela missa. Diz ele: "*(...) eu já devia estar em Mangaratiba, em férias, mas fiquei até o Natal para ver a missa do galo na Corte (...)*" E adiante: "*(...) aqui no Rio de Janeiro há de haver mais luxo e mais gente também (...)*".

As falsas pistas criam o caráter enigmático da escrita machadiana, que vai se apresentar também para o próprio personagem de Nogueira, o qual, ao longo do texto, vai se deparar com diversas situações, mostrando-se desconhecidas para ele, em sua descoberta do mundo e que deverá decifrar. É o que ocorre com relação ao escrivão quando este diz certa noite que irá ao teatro: estimulado pela curiosidade, o estudante lhe pede para levá-lo consigo, mas o silêncio de Menezes, os risos das escravas e a careta de D. Inácia fazem com que ele compreenda que há algo de estranho, um código novo que precisa decifrar.

O código social com sua distribuição de poderes e papéis vai se evidenciando para o estudante de várias maneiras a mais significativa é a distribuição das chaves da casa: "*(...) Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria a outra, a terceira ficava em casa (...)*". Como podemos observar a chave de uma casa é o símbolo do poder, de dominar a passagem entre a casa e a rua.

No conto, a primeira chave pertence ao escrivão, o dono da casa, aquele que possui o domínio da rua. Mostrando-nos que "a rua indica basicamente a ação", o lugar dos imprevistos, dos acidentes e das "paixões", sendo também, mais especificamente no caso do conto, o lugar, "da traição". A segunda chave está provisoriamente com Nogueira, que numa sua função intermediária, efetua o contato entre dois mundos, o da roça e o da corte, o da infância e o da idade adulta, o da rua e o da casa. Já a terceira chave fica na porta, como relata o narrador, significando que não pertence a ninguém, simplesmente é da casa. Como uma chave imóvel, permanentemente na porta, ela é aberta para deixar alguém entrar, não para sair. Delimita, assim, uma área de trânsito possível para a mulher,

definindo-se dessa maneira seu lugar e função, no caso, a permanência na casa e os cuidados do lar.

Embora a condição feminina tenha hoje em grande parte se modificado, ainda é muito comum mulheres contemporâneas com a única função de cuidar da porta da casa. Os filhos e o marido podem sair sem a chave porque contam com o fato de que a mulher está em casa para que possam entrar.

O conto “Missa do Galo”, configura, em seu caráter enigmático, o que Umberto Eco denominou uma obra aberta. Segundo ele, *"a obra de arte é uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante"*. Embora esse caráter seja próprio a toda obra de arte, *"a ambigüidade se torna, nas poéticas contemporâneas, uma das figuras explícitas da obra"*.

Os enigmas e as falsas pistas que vão sendo apresentados e parcialmente desvelados implicam numa participação do leitor na construção do fato narrado. Estabelece-se um jogo, onde a leitura torna-se um processo potencialmente infinito, provisoriamente enriquecido por seus diversos “leitores-autores” caracterizando uma "corrente narrativa" (Felman). Isto fica bastante claro na experiência lúdico-literária realizada por um grupo de autores brasileiros, do século XX, ao reescreverem o conto de Machado de Assis, tomando cada um deles, o ponto de vista de um dos personagens, recriando o texto e revelando novas e talvez insuspeitadas facetas.

Vitor Fernandes / Cassia Fernanda Mendes